

Nota de Evento

IV Colóquio Internacional Espaço e Economia – Reestruturação do espaço e do capital: movimentos contemporâneos na perspectiva da Economia Política e da produção do espaço

DOI: 10.54446/bcg.v12i2.3054

por Wagner Nabarro¹ e Luciano Duarte²

A nota procura registrar a experiência de participação no IV Colóquio Internacional Espaço e Economia, realizado na Universidade Estadual do Rio de Janeiro, na cidade do Rio de Janeiro, entre os dias 13 e 16 de setembro de 2022. O evento marcou o crescimento da reunião que busca atrair pesquisadores associados à comunidade científica que se dedica a estudar as perspectivas econômicas dentro do campo da Geografia, propiciando intensa troca de debates e promovendo discussões e reflexões.

★ ★ ★

1 Graduado em geografia pela Unicamp (Universidade Estadual de Campinas), mestre e doutor em Geografia pela Universidade de São Paulo (USP). Atualmente é professor substituto na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). E-mail: wagnerwn@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9406-9145>.

2 Graduado e doutor em Geografia pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Atualmente é professor do curso de Geografia da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). E-mail: lucianopsilva@ufgd.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5117-7496>.

Em sua quarta edição, o Colóquio Espaço e Economia evidencia seu crescimento e evolução, incorporando pesquisadores de diversas procedências geográficas e teóricas cujo interesse se volta para a inter-relação entre a Geografia enquanto campo do conhecimento e as dinâmicas econômicas da sociedade capitalista.

O título do colóquio, "Reestruturação do espaço e do capital: movimentos contemporâneos na perspectiva da Economia Política e da produção do espaço", revela a amplitude das temáticas debatidas nas mesas e acolhidas nos Grupos de Trabalho, versando sobre diversas dimensões e setores da economia e guardando a importância da teorização, seja a partir da Geografia como da Economia Política, do capitalismo contemporâneo.

As atividades se estenderam do auditório aos extensos corredores da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), campus Maracanã, em uma semana chuvosa do Rio de Janeiro, permitindo intensas trocas entre os pesquisadores. Marcaram também a progressiva volta das atividades presenciais após o longo período de quarentena em decorrência da pandemia de Covid-19 nos dois anos anteriores, ocasião que permitiu, para além do reencontro, a reflexão sobre a importância dos encontros presenciais para a estruturação de novas possibilidades científicas e acadêmicas. A organização contou com a participação dos programas de pós-graduação em Geografia da UERJ-Maracanã, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) e da Universidade Federal de Goiás (UFG) e em Política Pública e Formação Humana da UERJ, além da Rede Latino-Americana Espaço e Economia (RELAEE), organizada em 2019.

As três primeiras edições do evento científico foram realizadas nas dependências da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), ocorrendo numa sequência bienal. A primeira iniciativa foi realizada em 2015, tendo como título "Território, desenvolvimento e políticas públicas". O segundo, em 2017, deu continuidade aos trabalhos, com temática que refletia seu contexto fluminense, "Repercussões do capitalismo contemporâneo e das redes globais sobre as dinâmicas regionais no estado do Rio de Janeiro".

O terceiro colóquio, realizado na UERJ entre 10 e 12 de junho de 2019, cujo lema foi "Transformações no capitalismo mundial e a produção social do espaço: novos arranjos territoriais e a economia política do desenvolvimento", teve desdobramentos. Na reunião, também foi constituída a Rede Latino-americana Espaço-Economia: Geografia Econômica e Economia Política (RELAEE), marcando a participação de pesquisadores de fora do país que legaria à edição seguinte o adendo "internacional" ao título. Consolidando os debates que tiveram lugar nas mesas e discussões do colóquio, também foi publicado o livro "Espaço e economia: geografia econômica e a economia política", organizado por Floriano Godinho de Oliveira, Leandro Dias de Oliveira, Regina Helena Tunes e Roberto Moraes Pessanha e publicado pela Editora Consequência.

A abertura dos trabalhos contou com uma conferência proferida por Sandra Lencioni. A professora, que muito tem contribuído ao longo de sua carreira para avançar no entendimento das relações entre o espaço e o capital, organizou sua exposição em torno da discussão sobre os sentidos de pensar a reestruturação - e como associar a reestruturação do espaço e a reestruturação econômica. Nesse sentido, entende-se a dinamicidade do capitalismo contemporâneo e a necessidade de se pensar suas transformações, sobretudo no atual contexto de profundas e velozes mudanças que abalam as estruturas econômicas, políticas e espaciais.

A primeira mesa tratou da temática "Território, inovação e desenvolvimento" e contou com a mediação de Regina Tunes (UERJ). As discussões da mesa foram iniciadas com a palestra proferida por Luciana Buffalo (Universidad Nacional de Córdoba), cuja principal discussão esteve em torno das novas características do capitalismo no século XXI, que teve como importantes marcos a crise do fordismo e a difusão das políticas neoliberais estabelecidas pelo Consenso de Washington, mas que ainda mais recentemente também contam com a emergência da chamada Indústria 4.0 e o aprofundamento do fenômeno da financeirização da economia. As discussões trazidas pela professora também problematizaram como o fenômeno técnico atual simultaneamente produziram meios geográficos inovadores com base em lógicas e proximidade, mas igualmente fragilizam formas de organização política dos trabalhadores, especialmente no contexto de intensificação do home office.

A mesa teve continuidade com a fala de Edilson Alves Pereira Júnior (UECE), que versou sobre a reorganização da indústria durante e no pós-pandemia de Covid-19. Sua reflexão problematizou como essa conjuntura reforçou o debate geopolítico sobre a indústria, visto que as políticas nacionais de desenvolvimento industrial ganharam ainda maior centralidade em razão dos problemas causados pelas restrições de circulação de bens industrializados. Nesse sentido, enquanto as possibilidades de reindustrialização dos países centrais se ampliam com o discurso da "indústria limpa", no Brasil se observa a intensificação a reespecialização regressiva da indústria. Por fim, a mesa encerrou com a fala provocadora de Pablo Ciccolella (UBA), intitulada "Crise global: mundo em terapia intensiva e territórios distópicos". A fala do geógrafo argentino problematizou como o atual estágio da globalização neoliberal fez emergir uma forma política que possui uma estrutura de "ficção distópica", onde a crise se tornou a forma dominante de governo. Nesse contexto apocalíptico, poderia-se assim observar uma maior dificuldade em se produzir novas utopias, ao passo em que se vê o retorno de velhas utopias em novas roupagens, certas "retropias", como o neofascismo, o neoliberalismo, o capitaloceno e etc. O desafio das análises críticas do atual período seria, portanto, pensar novas orientações políticas e novos usos das inovações tecnológicas dentro deste cenário de crise estrutural.

A segunda mesa, sobre "Geografia econômica, neoliberalismo e ecologia política do desenvolvimento", contou com a mediação de Cláudio Zanotelli (UFES). As falas foram abertas inicialmente por Hugo Romero (Universidade do Chile), um "climatólogo" que durante toda sua explanação buscou defender a complexidade

analítica da ciência geográfica para compreender indissociavelmente os fenômenos ditos “sociais” ou “econômicos”, e “naturais” ou “físicos”, divisão que ele buscou rigorosamente superar. Para isso, o geógrafo apresentou alguns resultados de sua pesquisa sobre a exploração mineral no deserto do Atacama e o acesso à água pelas comunidades locais e tradicionais. Ele revela como as disputas pelos recursos hídricos têm se aprofundado tanto por alterações climáticas globais e regionais, mas igualmente pela elevação do consumo de água por parte de empresas mineradoras que avançam violentamente sobre esse território.

As discussões dessa mesa continuaram com a fala da cientista política, Monica Bruckmann (UFRJ), a quem coube a tarefa de apresentar um panorama global dos principais modelos de descarbonização da economia mundial. Dentre esses modelos, a professora deu foco no pacto verde europeu, na estratégia chinesa de transição energética e no chamado “Green New Deal” dos Estados Unidos, revelando assim tanto as particularidades de cada uma dessas abordagens quanto as disputas políticas globais que envolvem a busca pela implementação desses modelos. Por fim, o geógrafo Leandro Dias (UFRRJ), trouxe uma reflexão importante sobre a emergência e centralidade dos estudos da chamada “geografia econômica ambiental”. Dentre as discussões propostas por esses estudos, chamam atenção as problemáticas que envolvem o processo de produção de um vernáculo derivado da lógica das empresas para o tratamento da questão ambiental e as formas de governança ambiental que reforçam interesses dos agentes hegemônicos.

A terceira mesa, propondo tratar do Estado, das redes técnicas e da reestruturação do espaço, contou com mediação de André Rocha (UFRRJ). Rodrigo Hidalgo (PUC-Chile) iniciou a discussão tratando sobre as políticas neoliberais no Chile, abordando a constituição de instituições como as Corporações de Fomento (Corfo) e os Administradores de Fundos de Pensão (AFP) e seus contínuos impactos sobre a sociedade chilena. Inevitavelmente, abordou a recente recusa da população chilena a referendar a proposta da nova Constituição no país, em plebiscito no dia 4 de setembro de 2022. A constituição trazia várias propostas progressistas que se contrapõem ao cenário de políticas sociais que remontam o domínio da perspectiva neoliberal sobre o país ainda nos anos 1980.

Na sequência, Márcio Cataia (Unicamp) propôs analisar o alargamento do macrossistema técnico no Brasil a partir do sistema integrado nacional de energia elétrica, tratando das iniciativas que viabilizaram a unificação da transmissão de energia e dos desdobramentos nas últimas décadas, como a importância do planejamento e da regulação, bem como as tensões envolvendo os produtores independentes que precederam a integração nacional, trazendo enfim a proposta do evento - a reestruturação - como imperativo político a partir dos anos 1990. Seguiu-se a fala de Denis Castilho (UFG), que encaixou nesse debate a recente privatização da Eletrobras, a partir da Lei 14.182 de 2021, desestatizando as Centrais Elétricas Brasileiras, resultando de lobbies que envolveram a participação de diversas companhias acionistas e resultaram na diminuição de controle do poder público sobre a transmissão elétrica no país.

A quarta mesa tratou da "Dominação tecnológica e hegemonia financeira", mediada por Fabio Contel (USP). Carlos Brandão (UFRJ) iniciou o debate apontando para a necessidade de pensar os mercados como construtos sociais e a importância dos aparatos de estabilização do sistema econômico, na medida em que o capitalismo demanda sobretudo a garantia da propriedade privada e a geração de fluxos de renda a serem capitalizados. Edemilson Paraná (UFC) refletiu, a partir disso, sobre a tríade entre financeirização, neoliberalização e digitalização da economia. O capitalismo revoluciona a si mesmo, conformando políticas regulatórias e sociotécnicas que permitem processos como a autonomização financeira e a reprogramação do subjetivo, resultando em um capitalismo cognitivo, digital e informacional.

As análises de Daniel Sanfelici (UFF) corroboraram a imbricação do setor financeiro no capitalismo contemporâneo ao evidenciar os laços entre o capital financeiro e o imobiliário, destacando o papel dos intermediários - as consultorias imobiliárias internacionais - para a formação de fundos de investimento para o setor logístico, resultando na construção de galpões e plataformas logísticas. Finalmente, Fabio Tozi (UFMG) analisou as plataformas digitais, tratando sobre os intermediários sociotécnicos e as perspectivas de poder, na medida em que as políticas setoriais não são mais trabalhadas pelo mercado, que as transpõe na medida em que integra atividades diversas e pouco reguladas, a partir dos serviços baseados na informatização e no uso da internet.

A quinta mesa, "Estado, políticas públicas e mudanças sociais", foi mediada por Floriano de Oliveira (UERJ), com participação de pesquisadores de campos diversos do conhecimento e uma abordagem bastante ampla. A primeira fala, de Tadeu Arrais (UFG), analisou as consequências das políticas econômicas e sociais das duas últimas décadas, evidenciando o crescimento e a força da oferta de serviços públicos pelo Estado brasileiro e defendendo uma atenção à importância da disputa do Estado para o estabelecimento de políticas sociais. Em seguida, teve lugar a fala do arquiteto Paulo César Xavier Pereira (USP), em que trouxe uma profunda discussão sobre as novas dinâmicas da produção do espaço, especialmente pela expressiva dimensão financeira atual, com enfoque específico na construção da habitação. Para isso, o professor, sempre rigoroso na organização das categorias fundamentais da economia política, propõe um caminho metodológico de análise que se funde numa revisão da teoria do valor, tomando suas dimensões do mais-valor, antivalor e não-valor. A partir dessa proposição, as análises críticas da produção capitalista do espaço urbano poderiam romper com dualidades como público e privado, produção formal e não-formal.

Por fim, a economista Esther Dwek (UFRJ) apresentou sua importante contribuição para o debate sobre os efeitos deletérios das políticas de austeridade fiscal colocadas em operação ao menos desde 2015 pelos governos federais, ganhando ainda maior expressão após o processo de impedimento do mandato da presidenta Dilma Rousseff (PT). Para a economista, dentre os principais efeitos dessas políticas estão a tendência de aumento da desigualdade social, em razão das

reduções de ações governamentais fundamentais que iam no sentido oposto, como o Bolsa Família e aumento real do salário mínimo; e o desmonte de serviços públicos essenciais, sobretudo aqueles voltados para educação e saúde.

Os trabalhos se encerraram com a conferência de encerramento de Gaudêncio Frigotto, do Programa de Políticas Públicas e Formação Humana da UERJ e especialista em educação. O professor trouxe, de sua longa experiência acadêmica e política, a importância de se pensar o papel do Estado no capitalismo contemporâneo. Para isso, sua fala tratou da então conjuntura econômica e política por que passava o Brasil, tendo como principal enfoque o aprofundamento das políticas de cunho neoliberal empregadas pelo governo federal em exercício. Apesar de traçar um duro cenário para a sociedade brasileira, o professor apontou uma esperança de transformação e retomada de políticas sociais a partir de um possível resultado eleitoral nas eleições majoritárias, especialmente para presidência da república, que viriam a acontecer em breve.

Os grupos de trabalho seguiram temáticas que se relacionavam àquelas das mesas: "Dinâmica produtiva, mundo do trabalho, inovação e desenvolvimento em múltiplas escalas"; "Dominação tecnológica e hegemonia financeira: capitalismo de plataforma e fundos"; "Estado, redes técnicas e reestruturação do espaço: tecnologias e suas implicações jurídicas, organizacionais e institucionais"; "Geografia econômica, neoliberalismo e ecologia política do desenvolvimento" e "O complexo imobiliário-financeiro na produção do espaço na contemporaneidade". Contando com a apresentação e discussão de 60 trabalhos, apresentou um caráter bastante diverso e aberto, envolvendo artigos elaborados por professores e estudantes em seus diversos níveis de formação. A ocasião também contou com o lançamento de nove livros tratando de temáticas diversas como a geografia da inovação, lógicas de privatização, produção imobiliária e neoliberalismo.

Finalmente, o Colóquio trouxe a oportunidade de retrabalhar o pensamento e refletir sobre as dinâmicas econômicas sob o ponto de vista da Geografia, reafirmando a potência analítica das perspectivas da economia política e da produção do espaço. A escolha do tema do evento, com foco nas discussões acerca do processo de reestruturação, também se mostrou muito acertada, especialmente por sua pertinência no contexto de profundas crises, tanto de ordem econômica e política, mas também ambiental e sanitária. Todas as falas proferidas nas mesas redondas e discussões realizadas no contexto dos grupos de trabalho, em alguma medida, acabaram por revelar como é clara e intensa a atual instabilidade das estruturas sociais. Isso reforça a necessidade de constituir novas agendas de estudos em geografia econômica, mas também os desafios teóricos e conceituais que as pesquisas irão enfrentar ao desenvolver suas análises sobre o atual processo de reestruturação do espaço e do capital.